

A NARRATIVA BÍBLICA E A CONSTRUÇÃO DE UMA COMUNIDADE MISSIONAL

Lincoln Almeida Rodrigues¹⁰⁶

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo demonstrar a dinâmica do evangelho através do desenvolvimento de uma comunidade missional a partir da narrativa bíblica, como parte do plano de redenção cósmica iniciado por Deus. A primeira parte do artigo aborda a centralidade da autoridade bíblica e sua assimilação na narrativa. Já a segunda parte traz um panorama do enredo bíblico desde a criação até a figura de Jesus, o Cristo apontado pelas Escrituras e que cumpre a vocação inicialmente atribuída a Israel. Por fim, a terceira e última parte do trabalho consiste em apresentar o modo pelo qual nós damos continuidade a missão redentiva do cosmos iniciada por Deus a partir da queda, levando em consideração a sociedade pluralista e as várias narrativas existentes que competem com a metanarrativa bíblica.

Palavras-chave: Narrativa Bíblica; Cristo; Igreja; Comunidade Missional; Mundo

Abstract: The present work aims to demonstrate the dynamics of the gospel through the development of a missional Community, based on the biblical narrative as part of the cosmic redemption plan initiated by God. The first part of the article addresses the centrality of biblical authority and its assimilation in the narrative. The second part brings an overview of the biblical plot from creation to the figure of Jesus, the Christ even pointed out by the Scriptures and which comprises the vocation initially attributed to Israel. Finally, the third and last part of the work consists of presenting the way in which we continue the redemptive mission of the cosmos initiated by God from the fall, taking into account the pluralistic Society and the various existing narratives that compete with the biblical metanarrative.

Keywords: Biblical Narrative; Christ; Church; Missional Community; World

1. Introdução

A tradição oral foi, durante muito tempo, o único meio de transmissão e difusão de conhecimento e informação. Através das histórias, diversos povos foram constituídos tendo sua cultura formada a partir dessas narrativas, compondo, assim, a sua identidade.

De modo consciente (ou não), todo ser humano se apropria de uma narrativa que constitui as lentes pelas quais ele compreende a realidade. Essas narrativas, aliás, são

¹⁰⁶ Mestrando em Teologia Missional pela Escola Antioquia em convênio com o Missional Training Center (MTC). Especialista em Direito Constitucional pela Universidade Anhanguera/UNIDERP. Bacharel em Direito pela PUC Minas. Pastor da Igreja de Deus da Profecia em Itaguaí-RJ. Advogado. E-mail: lincolnrodrigues@hotmail.com

essenciais, na medida em que, por meio delas, identificamos as razões por trás do modo como interagimos com o mundo em que estamos inseridos.

O tema desse artigo surgiu a partir da necessidade de contextualização da dinâmica do evangelho, abordando o surgimento de uma comunidade missional dentro da história bíblica e como esse povo influencia a cultura a partir das boas novas de Cristo. Por essa razão, é necessário apresentar os motivos pelos quais a narrativa redentiva se apresenta como autoridade na vida dos cristãos formando suas convicções e norteando suas ações.

Dessa forma, o objetivo do presente trabalho consiste em explicar como os cristãos entendem Deus, eles próprios e o mundo a partir do drama das escrituras; e como eles podem continuar sendo uma comunidade missional em meio aos desafios do Século XXI.

2. A Bíblia e a origem da sua autoridade

Quando se fala em autoridade das Escrituras, é possível haver, por parte de alguns, uma compreensão equivocada sobre o assunto e entenderem a Bíblia – ainda que de modo inconsciente - como sendo um arcabouço de disposições estabelecidas por Deus para regular o comportamento daqueles que professam a fé cristã e estabelecer um modelo de organização e funcionamento da igreja.

A proposta deste capítulo não consiste em relativizar a autoridade das Escrituras; e sim refletir se o que entendemos como autoridade revela-se adequado quando fazemos a simples aplicação do seu significado a Bíblia e, em seguida, realizarmos a exposição da procedência autoritativa da Bíblia e seus efeitos.

Analisando esse tema, N. T. Wright apresenta uma série de fatores pelos quais o conceito de autoridade bíblica é mal interpretado e, dentre estas razões, está o fato de exercermos um olhar positivista sobre a Bíblia, quando a interpretamos como um mero conjunto de dispositivos que tratam sobre regras e doutrinas, e não como uma história bíblica dada por Deus ao seu povo para, por meio dela, exercer sua autoridade. (WRIGHT, 2018)

Aliás, mais do que uma história dada, a Bíblia é um livro que fala sobre nós, pois somos povo de Deus e participantes dessa história, que, além de viva, é dinâmica e, portanto, o fato de entendermos as Escrituras como uma narrativa não diminui, em nada, sua autoridade. Pelo contrário!

Wright faz uma observação interessante neste sentido:

Uma história conhecida contada por um ângulo estimula as pessoas a pensar de um modo diferente sobre si mesmas e sobre o mundo. Uma história contada com emoção, humor ou drama dá asas a imaginação e convida o leitor ou o ouvinte a se imaginar em situações parecidas, propiciando novas descobertas sobre Deus e sobre os seres humanos, o que acaba capacitando essa pessoa a organizar sua vida de um modo mais sábio. Todos esses exemplos, e muitos outros que podem não ocorrer com tanta facilidade, mostram com clareza as maneiras pelas quais a Bíblia funciona na prática, e com certeza como ela exerce autoridade. (WRIGHT, 2021, p. 39-40).

Sob essa ótica, a Bíblia “foi projetada para funcionar por meio de seres humanos, por meio da igreja, por meio de pessoas que, vivendo ainda pelo Espírito, têm sua vida moldada por esse livro inspirado pelo Espírito”. (WRIGHT, 2018)

A procedência autoritativa da Bíblia, portanto, está no próprio Deus, que exerce sua autoridade através da própria história por meio de “agentes humanos ungidos e equipados pelo Espírito Santo” com o objetivo de revelar a si mesmo e seus propósitos ao mundo, e é a partir dessa autoridade, revelada por meio dessa narrativa, que comunicamos as boas novas de Jesus anunciando a chegada do Reino que irrompeu a história e convidando todas as pessoas ao arrependimento de seus pecados e a salvação por intermédio da fé em Cristo. (WRIGHT, 2018)

Portanto, embora as Escrituras possuam mandamentos a serem seguidos e conselhos que visam nortear nossa vida, a compreensão da sua autoridade se dá quando entendemos que o texto revela, na verdade, o caráter de Deus; e, a partir do momento em que nos propomos a seguir o mestre e sermos discípulos d’Ele, estamos condicionados a cumprir tudo aquilo que nos é proposto, a fim de realizarmos nossa missão de anunciar o Reino de Deus e vivermos antecipadamente a era vindoura, sendo instrumentos do Pai para refletirmos sua beleza, verdade e justiça no mundo.

3. Como chegamos até aqui: o enredo da salvação

Embora a pós-modernidade promova a ideia de que as grandes narrativas não são mais sustentáveis e que a realidade não passa de sensibilidades impressas no modo pelo qual compreendemos o mundo, é inegável que todo ser humano possui – de maneira consciente ou não – uma narrativa para chamar de sua. Afinal de contas, elas são responsáveis por constituir nossa visão de mundo e dar sentido a nossa vida, além

de nos ajudar a responder às clássicas perguntas como: *Quem sou eu? O que faço aqui? Para onde vou?* e, em algum sentido, possuem uma pulsão religiosa; não havendo aqui, necessariamente, uma ligação de religiosidade com a crença em um ente metafísico responsável pela existência e *télos* de todas as coisas.

No tópico anterior, vimos que a autoridade da Bíblia emana do próprio Deus, que intervém na história a fim de colocar em prática o seu plano de redenção do cosmos afetado pelo pecado e, a partir da narrativa bíblica, compreendemos nosso papel nessa história e entendemos a nossa relação com Deus, com as pessoas e com o mundo.

Buscando uma compreensão melhor dessa história, Bartholomew e Goheen a divide em seis atos: i) criação, ii) queda, iii) Israel, iv) Jesus, v) Igreja e vi) nova criação; e cada um destes atos compõem a compreensão cristã acerca da realidade e o seu caráter missional. (BARTHOLOMEW E GOHEEN, 2017)

Logo no primeiro capítulo de Gênesis, nos deparamos com a figura de YHWH – O GRANDE EU SOU -, que pelo *fiat* trouxe todas as coisas a existência *ex nihilo* com o objetivo de habitar em sua própria criação e relacionar-se com tudo o que havia feito, em especial com a humanidade, criada à sua imagem e semelhança. Isso nos leva, necessariamente, a um olhar teleológico sobre a criação por não a vermos como uma obra do acaso, pois Deus atribui significado e propósito a tudo àquilo que Ele criou.

Sobre isso, Francis Schaeffer assim argumenta:

Deus é muito diferente. Porque é infinito, ele criou originalmente do nada – *ex nihilo*. Não havia massa, nem partículas de energia, antes de ele criar. Nós trabalhamos por meio da manifestação de nossos dedos. Por contraste, Deus criou, como diz a passagem de Hebreus que há pouco citamos, simplesmente por sua palavra. Aqui está poder além de tudo que possamos imaginar na esfera humana e finita. Ele foi capaz de criar e moldar apenas por sua palavra falada. (SCHAEFFER, 2014, p. 25).

O relato da criação revela-se extremamente importante, na medida em que ela apresenta Deus como sendo o único e verdadeiro, em contraposição aos “deuses” do Antigo Oriente Próximo, aos quais eram atribuídos a totalidade da existência.

Dentre toda criação está o homem, sendo este apresentado como a imagem e semelhança de Deus, cujo papel perante a criação é representá-lo para que haja manutenção e imposição da “reivindicação divina de domínio sobre a terra”, representação essa que se daria, além do domínio, pelo cultivo da terra (explorando sua

potencialidade) e enchendo-a a fim de que a humanidade se espalhasse e continuasse a exercer o papel criacional que lhes foi atribuído por YHWH. (BARTHOLOMEW E GOHEEN, 2017, posição 3467, E-book)

No entanto, não bastou ao homem ser representante de Deus perante a criação. Ele quis ser como Deus ao sucumbir à tentação da autonomia desejando ser independente de seu criador e obter o conhecimento de todas as coisas sem a orientação de Deus nesse processo epistemológico. Em suma, a queda diz respeito ao desejo do homem de se separar de YHWH, o que afetou, diretamente, a maneira como nós compreendemos a realidade. (BARTHOLOMEW E GOHEEN, 2017)

Seria esse, então, o fim da história? A partir do momento que o pecado entrou no mundo, e, com ele, suas consequências catastróficas, isso significa que a prevalência do império do mal no mundo criado por Deus? Evidente que não!

É nesse exato momento que Ele coloca em prática o seu plano perfeito de redimir o cosmos em sua totalidade e, no fracasso de Adão, YHWH constrói um povo a partir da descendência de Abraão e, sobre Israel, Ele se revela como ELOHIM (Senhor) refletindo sua glória sobre aquele povo e, conseqüentemente, tornando-se conhecido pelas demais nações para que conheçam o verdadeiro Deus e se curvem diante da sua soberania e graça. (BARTHOLOMEW E GOHEEN, 2017)

Deus revelou seu poder e glória libertando os israelitas do Egito após quatrocentos anos de escravidão e fez deles uma grande nação. No entanto, mesmo com a manifestação da bondade e misericórdia do Senhor sobre os israelitas, a história de Israel foi marcada por seu afastamento e aproximação em relação a Deus. (BARTHOLOMEW E GOHEEN, 2017)

A propósito, o Senhor nunca desistiu do seu plano e continuou amando Israel, mesmo quando os expulsou da terra que havia dado por sua desobediência, impactando profundamente a identidade daquele povo, que estava ligado a terra e a presença divina sobre eles. (BARTHOLOMEW E GOHEEN, 2017)

Mesmo retornando do exílio e reconstruindo o templo, Israel passou a viver sob o jugo do governo persa e, em seguida, dos impérios grego e romano; implacáveis na imposição de sua cultura e de seus deuses. Todavia, a esperança dos judeus que haviam retornado do exílio no Messias permanecia e, por essa razão, continuavam se reunindo no templo adorando a Deus e estudando a Torah. Eles esperavam que o Messias iria libertá-los do jugo do império e destruir todos os povos que oprimiram Israel, fazendo de Jerusalém o local onde o Reino seria estabelecido. De fato, o Reino chegou, porém

de uma maneira bem diferente do que todos esperavam! (BARTHOLOMEW E GOHEEN, 2017)

O profeta Isaías, aproximadamente 700 anos antes de Cristo, anunciou a vinda daquele que seria a oferta pela culpa, o cordeiro santo a trazer a paz, a concretização do plano de redenção iniciado a partir da queda de Adão, o próprio Deus se tornando carne e habitando entre nós, irrompendo a história para inaugurar a era vindoura.

Bernardo Cho, de maneira brilhante, descreve a chegada do Reino de Deus em Jesus do seguinte modo:

Jesus de Nazaré é o ponto de virada definitivo do enredo da salvação. O tão aguardado Messias, descendente ideal de Abraão e de Davi, representante último da raça humana, entrou na encruzilhada entre o nosso fracasso e a fidelidade de Deus, para finalmente desbravar o caminho em direção à redenção de céus e terra. O povo só pôde produzir os escombros do exílio, mas, graças a Jesus, as promessas divinas a Abraão e Davi poderão ser levadas a cabo. (CHO, 2021, p. 130).

Em sua vida–morte–ressurreição, Jesus cumpre, em sua forma final, o plano de Deus de renovar e restaurar céus e terra. Em sua trajetória até sua morte, Jesus revela o poder da salvação em suas palavras e ações, realizando curas e restauração de vidas. Na cruz, Cristo realiza essa salvação derrotando os poderes do mal. E na ressurreição, o Messias escancara as portas da nova criação para que aqueles que a deseja entrem por ela e se unam a Ele. (BARTHOLOMEW E GOHEEN, 2017)

Diferentemente do que esperavam grande parte dos judeus, principalmente os fariseus e os saduceus, o Reino anunciado por Cristo não se tratava, ainda, de um governo terreno oriundo de uma revolução liderada pelo Messias contra o Império Romano; mas sim, da inauguração de um reino cuja plenitude se dará posteriormente. Enquanto essa plenitude não se dá, vivemos na era presente e, àqueles que creem na loucura do evangelho, desfrutem antecipadamente dos efeitos da era vindoura.

O reino já está inaugurado, porém ainda não totalmente estabelecido. O que fazer, então, enquanto isso? Como nós, cristãos, devemos agir? Cristo iniciou a missão, mas sua ascensão aos céus não significa o fim dela. Em Mateus 28:19-20, Jesus comissiona seus discípulos a irem a todo o mundo e pregarem as boas novas a todos, a fim de que estes, crendo nas boas novas, se tornem também discípulos de Cristo e novos integrantes dessa grande missão.

4. Somos parte dessa história: a comunidade missional e o seu papel no Séc. XXI

A descida do Espírito Santo em Pentecostes foi uma dádiva. Jesus sabia que, sozinhos, os apóstolos não conseguiriam realizar a missão a eles atribuída antes de ascender aos céus e, por essa razão, os dotou de poder e autoridade a fim de testemunharem a Cristo em todo o mundo.

De modo poderoso e sobrenatural, o número de cristãos aumentava a cada dia e, logo, percebemos a partir do livro de Atos a formação de uma grande comunidade missional que, mesmo com a dispersão promovida pela perseguição atroz de Roma, continuou crescendo e expandiu, alcançando lugares e pessoas que, até então, não conheciam o verdadeiro Cristo.

Milhares de anos se passaram. O Cristianismo foi para além das fronteiras do antigo Império Romano e, hoje, é a tradição religiosa que conta com o maior número de adeptos em todo o mundo. Ao observarmos a história da igreja, aliás, percebemos a grande influência do Cristianismo no desenvolvimento do mundo ao longo dos séculos.

Apesar disso, uma pergunta se faz necessária nos dias atuais: como podemos continuar sendo uma comunidade missional hoje em meio aos desafios do Século XXI?

Em primeiro lugar, enfatizando em nossas liturgias de culto a metanarrativa bíblica, uma história cujo centro é Cristo (vida, morte e ressurreição). Isso porque vivemos em uma época em que existem várias narrativas que se colocam como orientadoras da realidade e, nesse contexto, é preciso trazer a memória a narrativa redentiva que dá sentido à nossa vida. (GOHEEN, 2014)

Ademais, outro aspecto importante diz respeito a real compreensão do termo missional. É comum trabalharmos o conceito a partir de uma perspectiva soteriológica ou eclesiológica. Porém, a missionalidade está muito mais ligada a Trindade, afinal, Deus é missionário, e isso é facilmente visualizado quando olhamos para sua estrutura trina: “o Pai envia o Filho; o Filho envia o Espírito e seus discípulos ao mundo”. Logo, todos nós (como igreja e como cristãos) estamos envolvidos na missão de abençoarmos outras pessoas, não apenas pela proclamação do evangelho visando atraí-las para a fé cristã, mas, também, integrando a missionalidade em nossas vocações e trabalhos. (KELLER, 2014, p. 307)

Steuernagel chamará isso de evangelho integral e destaca:

(...) a nossa evangelização deve estar a serviço de um evangelho que afeta a pessoa em todas as áreas da sua vida. Isto quer dizer que o evangelho, embora seja pessoal, tem um forte colorido coletivo; é individual mas tem uma inerente dimensão social; é uma mensagem de conforto mas pede um claro compromisso ético, desencadeia uma espiritualidade terapêutica e leva a um inequívoco pacto com a justiça; produz igreja, mas uma igreja que deve estar concretamente enraizada com a comunidade global do seres humanos e na busca desta por uma vida justa e digna. Quanto mais estivermos a serviço deste evangelho integral que afeta todas as áreas da vida tanto mais estaremos a serviço do Deus Trino. (STEUERNAGEL, 1994, p. 81-82).

A propósito, em muitos lugares há uma notória influência do dualismo platônico por trás da compreensão da impossibilidade de relação entre a igreja e o mundo exceto pela via do evangelismo formal, fazendo com que diversas igrejas estejam em completa desconexão com os vários aspectos que compõem a sociedade.

No entanto, esse entendimento vai na contramão do ensinamento de Jesus em Mateus 5:13-14, quando Ele diz sermos o sal da terra e a luz do mundo. Assim como o sal e a luz possuem uma finalidade própria, a Igreja também se constitui por um objetivo específico: influenciar a cultura, inicialmente boa, mas corrompida pelo pecado; através de ações visíveis que promovam o Reino de Deus, tornando evidente, para todo o mundo, os efeitos antecipados da era vindoura. (BARTHOLOMEW E GOHEEN, 2017)

Chamamos isso de comunidade contrastante (ou de contraste), uma “comunidade que encarna a vida do reino de Deus em meio à sua própria cultura”, desafiando “espíritos religiosos que são incompatíveis com o Reino de Deus”, como, por exemplo: injustiça social, consumismo, desesperança, entre outros. (GOHEEN, 2014, p. 206)

Isso nos leva ao terceiro e último elemento a ser trabalhado: a assimilação de que somos uma comunidade escatológica. Em uma era temporal, vivemos de modo atemporal. Em uma sociedade que vive em busca da satisfação imediata de seus anseios, não podemos nos esquecer de que a plenitude da satisfação e da felicidade humana não está naquilo que pode ser obtido no presente, mas sim na redenção cósmica futura e o consequente estabelecimento da nova criação.

Considerações Finais

Neste trabalho, vimos como a narrativa bíblica conduziu a formação de uma comunidade missional, um povo que, pelo empoderamento do Espírito Santo, influencia a criação refletindo um comportamento escatológico, um *modus vivendi* completamente influenciado pela nova criação, o ato final do enredo da redenção cósmica.

Enquanto o ato final não acontece, nos vemos em um grande desafio: ser cristão em uma sociedade não cristã; o que implica oferecer ao mundo respostas para os inúmeros desafios propostos no Século XXI a partir de uma reflexão profunda movida por um olhar bíblico que dá sentido ao modo como compreendemos a realidade, e exercendo um papel ativo nas diversas esferas que compõem essa sociedade (cultura, arte, política, ciência e etc.).

Por fim, através da narrativa bíblica entendemos não apenas o nosso papel na missão redentiva iniciada por Deus, mas, também, chegamos a conclusão de que somos parte dessa história, o que nos possibilita uma compreensão ainda maior da nossa verdadeira identidade e nos torna ainda mais apaixonados pela revelação divina.

Referências

- BARTHOLOMEW, Craig G. **O drama das Escrituras: encontrando o nosso lugar na história bíblica** / Craig G. Bartholomew e Michael W. Goheen; tradução de Daniel Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2017. E-book.
- CHO, Bernardo. **O enredo da salvação: presença divina, vocação humana e redenção cósmica** / Bernardo Cho. – 1. ed. – São Paulo: Mundo Cristão, 2021.
- GOHEEN, Michael W. **A igreja missional na Bíblia: luz para as nações** / Michael W. Goheen, tradução de Ingrid Neufeld de Lima. – São Paulo: Vida Nova, 2014.
- KELLER, Timothy. **Igreja Centrada**. Tradução Eulália P. Kregness. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- SCHAEFFER, Francis. **Gênesis no Espaço-tempo** / Francis Schaeffer, tradução: Josias Cardoso Ribeiro Júnior – Brasília, DF: Editora Monergismo, 2014. E-book.
- STUERNAGEL, Valdir Raul, org. **A Missão da Igreja; uma visão panorâmica sobre os desafios e propostas de missão para a Igreja na antevéspera do terceiro milênio**. Belo Horizonte: Missão Editora, 1994.

WRIGHT, N. T. **As escrituras e a autoridade de Deus: como ler a Bíblia hoje** / N. T. Wright; tradução de Maurício Bezerra. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.

WRIGHT, N. T. **Como a Bíblia pode ter autoridade?** Disponível em: www.biologos.org/articles/n-t-wright-on-scripture-and-the-authority-of-god. Acesso em 10 mai. 2023.